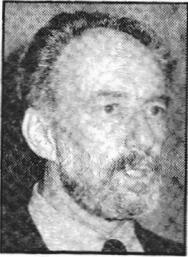


tribuna da

CIDADE

POR WASHINGTON NOVAES



Secretário do Meio Ambiente,
Ciência e Tecnologia do DF

Brasília e a Norte-Sul

A recente divulgação pela Co-deplan de uma estimativa que aponta um milhão e 722 mil habitantes no Distrito Federal ajuda a recolocar em termos mais adequados a questão da migração para o Distrito Federal. As estimativas que vinham sendo usadas — quase sempre para condenar politicamente os assentamentos urbanos como estimuladores da migração — já falavam em 2,5 milhões de pessoas hoje e em 4 milhões na virada do século. Tudo porque calçadas em projeções das décadas de 60 e 70, quando a taxa de migração esteve pelos 14 e pelos 8% ao ano. Os últimos anos, entretanto, mostraram em todo o País uma queda acentuada das taxas de fecundidade, natalidade e migração — a ponto de na cidade de São Paulo e estimativas mais recente apontar 9,5 milhões de habitantes, e não mais 11 milhões.

Reassentada, portanto, a discussão, pode-se pensar com mais propriedade o problema da migração — que, pequena ou maior, existe. Mas que só pode ser enfrentado num contexto maior, que é o desenvolvimento do Centro-Oeste como um todo. A tese tem sido defendida com insistência pelo governador Joaquim Roriz. E deveria estar merecendo mais discussão da parte dos planejadores nacionais.

De fato, se não se pretende continuar enfrentando os problemas da saturação do Sul-Sudeste, com suas deseconomias de escala e com o terrível acúmulo de problemas sociais que torna quase ingovernáveis suas metrópoles, é preciso pensar imediatamente em reforma agrária e deslocar para o Centro-Oeste o impulso mais forte para o desenvolvimento brasileiro nesta hora. Como imperativo de desconcentração política, econômica e demográfica, pois já sabemos todos os males que a concentração é capaz de produzir.

E nesse quadro é melancólico ver que mais uma vez se vai postergar o reinício das obras da ferrovia Norte-Sul, mesmo depois de superado o equívoco de confundir-se o acessório (as denúncias de possíveis irregularidades na concorrência) com o principal (a obra em si).

Estudo da Secretaria de Desenvolvimento Regional da Presidência da República, mencionado em recente seminário, mostra que o Centro-Oeste pode passar das atuais 17 milhões de toneladas/ano de grãos para 26 milhões de toneladas com um acréscimo de apenas um milhão de hectares cultivados aos atuais 9 milhões. E o rebanho bovino pode subir das atuais 40 milhões de cabeças para 70 milhões sem acrescentar um único hectare à área ocupada, só com avanços tecnológicos.

Por outro lado, a Norte-Sul, permitindo cargas combinadas de minério de ferro com grãos no porto de Itaqui, Maranhão (a carga mais rentável que se conhece), e eliminando o oneroso "passeio" rodoviário que a produção do Centro-Oeste hoje é obrigada a fazer, tornaria nossos grãos mais baratos que os norte-americanos nos mercados do hemisfério Norte. Os produtores norte-americanos de grãos sabem disso. E riem, aliviados, quando os sabidos do Brasil ironizam a Norte-Sul e a inviabilizam. Ou quando se propõe a construção de uma Leste-Oeste fajuta, como é a Cuiabá-Santos, em lugar da Cuiabá-Tubarão.

Brasília deveria pensar nisso. É seu futuro que está em jogo.